

## Emancipação (*Mündigkeit*) e formação: bases críticas para a educação autorreflexiva


José Mateus Bido  
Maria Terezinha Belanda Galuch

### Resumo


Este trabalho busca fazer uma reflexão sobre a emancipação como um projeto formativo com vistas à construção de uma sociedade livre e democrática. Diante da necessária formação para a resistência, traz à educação nacional da atualidade o sentido da formação para compreender a contradição, ou seja, para compreender a tensão quando o particular é analisado mediante a totalidade e vice-versa. A discussão fundamenta-se em autores da Teoria Crítica da Sociedade, especialmente em Theodor W. Adorno, cuja proposta de emancipação pode ser entendida como princípio formativo pelo qual uma cultura autêntica se realiza. Pauta-se, ainda, na concepção de formação (*Bildung*) como força para a suplantação da razão adaptativa e funcional, exigida por propostas educativas voltadas tão somente para o mercado. A formação crítica tem por finalidade vislumbrar a reconquista da dignidade humana perdida nas práticas sociais fundadas pela prioritária manutenção do capital em que o poder e a violência de uns sobre os outros não são questionados. Isso faz com que na escola sejam propostas práticas educativas que conformam os sujeitos a esse modo de produzir a vida, em vez de buscar o desenvolvimento da consciência crítica, capaz de revelar os elementos que participam do processo de pseudoformação que prevalece na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Formação cultural. Consciência crítica. Theodor W. Adorno.

#### José Mateus Bido

Instituto Federal do Paraná, IFPR  
E-mail: joana@unochapeco.edu.br  
 <https://orcid.org/0000-0002-5691-1853>

#### Maria Terezinha Belanda Galuch

Universidade Estadual de Maringá, UEM  
E-mail: taniazp@unochapeco.edu.br  
 <https://orcid.org/0000-0001-5154-9819>

Recebido em: 13/03/2019

Aprovado em: 11/09/2019



**Abstract**

**Emancipation (Mündigkeit) and Formation: Critical Bases for Self-Reflective Education**

This paper seeks to reflect on emancipation as a formative project with a view to building a free and democratic society. In view of the necessary formation for resistance, it brings to the national education of today the meaning of formation in order to understand the contradiction, that is, to understand the tension when the particular is analyzed in its entirety and vice versa. Such issue is based on the authors of the Critical Theory of Society, especially Theodor W. Adorno, whose emancipation proposal can be understood as the formative principle by which an authentic culture is realized. It is also based on the conception of formation (Bildung) as a force for the supersession of the adaptive and functional reason demanded by educational proposals focused only on the market. The critical formation aims to envision the regaining of human dignity lost in social practices founded on the priority maintenance of capital in which the power and violence of one another are not questioned. It leads to the fact that in school, educational practices are proposed that conform the subjects to this way of producing life, instead of pursuing the development of critical awareness, capable of revealing the elements that participate in the pseudo-formation process which prevails in today's society.

**Keywords:**

Cultural training. Critical awareness. Theodor W. Adorno.

**Resumen**

**Emancipación (Mündigkeit) y formación: bases críticas para la educación autorreflexiva**

Este trabajo busca reflexionar sobre la emancipación como un proyecto formativo con miras a construir una sociedad libre y democrática, en vista de la formación necesaria para la resistencia, trayendo a la educación nacional de hoy el significado de la formación para comprender la contradicción, es decir, comprender la tensión cuando lo particular se analiza en su totalidad y viceversa. Se basa en los autores de la Teoría crítica de la sociedad, especialmente Theodor W. Adorno, cuya propuesta de emancipación puede entenderse como el principio formativo mediante el cual se realiza una cultura auténtica. También se basa en la concepción de la formación (Bildung) como una fuerza para la superación de la razón adaptativa y funcional que exigen las propuestas educativas centradas únicamente en el mercado. Es importante señalar que la formación crítica y, por lo tanto, autorreflexiva tiene como objetivo vislumbrar la recuperación de la dignidad humana perdida en las prácticas sociales fundadas en el mantenimiento prioritario del capital cuyo poder y violencia el poder y la violencia de los demás no se cuestionan de tal manera que en la escuela, se proponen prácticas educativas que conforman a los sujetos con esta forma de producir vida, en lugar de buscar el desarrollo de una conciencia crítica capaz de revelar los elementos que participan en el proceso de pseudoformación que prevalece en la sociedad actual.

**Palabras clave:**

Formación cultural. Conciencia crítica. Theodor W. Adorno.

## Introdução

Uma das preocupações de Theodor W. Adorno é o emprego da terminologia mais adequada para a expressão e a compreensão de um pensamento filosófico (ADORNO, 1976; 1977). Essa consideração é relevante, pois um termo guarda em si o sentido semântico que a filosofia necessita para um pensamento capaz de expressar coerentemente a realidade dada mediante a contradição dos objetos. Essa perspectiva também se aplica à tradução do conceito de emancipação assumido por Adorno (JAY, 1988). Nesse sentido, o uso de terminologias diferentes em traduções de textos adornianos, envolvendo o aspecto semântico das palavras, em especial, o conceito de emancipação, leva-nos a assumir esse conceito de acordo com o significado do termo *Mündigkeit*. É mediante sua compreensão cultural que refletimos sobre a concepção de emancipação em Adorno, aproximando-a do processo de formação cultural (*Bildung*) (DALBOSCO; MÜHL; FLICKINGER, 2019) a ser estimulado na educação escolar (GIOCAIA JUNIOR, 2009).

A concepção de emancipação formativa – aproximada da tradução alemã *Mündigkeit*<sup>1</sup> – em sentido lato aponta para uma ação individual exercida de maneira livre e voluntária com vistas à superação de um estado de cerceamento ou de tutela. É a constituição da responsabilidade individual diante das decisões no âmbito social, como processo de formação da identidade coletiva. A base para essa construção de cultura formativa é o sentido da emancipação atribuído à sociedade civil, influenciada pela reflexão cultural e política do iluminismo.

Uma vez conduzido para os horizontes da tradição filosófica (GOERGEN, 2019, p. 17-18), esse escopo semântico ganha perspectiva na concepção moderna, referenciando a ação consciente do humano no social, no político, no educacional, no econômico, dentre outros aspectos (WIGGERSHAUS, 2006). Posteriormente ao século XVII (GEROGEN, 2019, p. 18-19), os pensadores europeus passaram a referenciar o termo fundamentando-se em reflexões elevadas do medievo, principalmente para reposicionar as dimensões do convívio social, da relação com a natureza e da construção do entendimento epistemológico. No primeiro caso,

---

1 O termo emancipação é de origem latina: *emancipatione*. Na cultura latina, a palavra *emancipatione* se compõe pelo prefixo *e*, com sentido de extinção, eliminação ou término. Ao prefixo, segue o substantivo *manus*, que alude ao termo *mão*. O verbo *cepi*, institui o sentido de capturar. Etimologicamente emancipado é aquele que não está mais aprisionado pela mão de outro. Emancipar-se é ganhar independência pessoal. Emancipação é a condição de libertar-se das “mãos” de outros. Para maior esclarecimento sobre essa reflexão semântica, sugere-se a leitura de Vilela (2007, p. 48-50).

pela reflexão da filosofia política e da filosofia do direito. No segundo, há o esforço empreendido pela ciência. No terceiro, a reflexão volta-se especificamente para as condições vividas pela teoria do conhecimento. No conjunto, esses esforços reflexivos dão identidade à racionalidade ocidental moderna e instituem a dinâmica idiossincrásica que envolve a concepção do termo emancipação empregado por Theodor W. Adorno (PUCCI, 1999).

A leitura do conceito de emancipação (*Mündigkeit*) em Adorno requer a compreensão do contexto cultural no qual estava inserido o pensador (JAY, 1988), mediante o qual este termo se recompõe histórica e filosoficamente de modo a amparar também a reflexão educacional, como formação do indivíduo responsável pela construção da sua identidade autônoma, porém não isolada do contexto socioeconômico e político-cultural. É por isso que *Bildung* remete à formação humana (CASAGRANDA; ROSSETTO, 2019); este é o seu sentido.

Assim, mais do que o próprio termo, no conjunto de seu significado filosófico-formativo, Adorno propõe o encaminhamento racional e relacional para a objetividade de significação que culturalmente esse termo congrega (NOBRE, 2008) contemporaneamente, mediante a análise da sociedade capitalista.

### **1. Emancipação: um problema filosófico**

A emancipação, tratada como tema filosófico-formativo, perpassa a história da filosofia ocidental. Perante a compreensão materialista da tradição marxista como referenciais reflexivos, esse conceito é retomado por frankfurtianos como Marcuse, Horkheimer e Adorno. Para esses pensadores, a emancipação congrega o peso cultural, explicitando o papel da razão em contradição (HORKHEIMER; ADORNO, 1991) ao modelo de sociedade unidimensional (MARCUSE, 1973), atravessada pela irracionalidade positiva (HORKHEIMER, 2000) e pseudoformação (ADORNO, 1996), estimulada pela dinâmica da indústria cultural (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Como expressão formativa, a proposta adorniana de emancipação (ADORNO, 2006) traz implícito o conceito de formação cultural que reconceitua o projeto formativo em confronto com o propósito reificador da educação adaptativa (SANTOMÉ, 2003).

A compreensão de Adorno sobre o tema tem lastro na herança cultural kantiana (KANT, 2008), ao qual o autor atribui um significado de processo intelectual, fundamentalmente imanente ao social, na perspectiva ampliada de formação humana, incluindo a dimensão estética, a ética, a política, a moral etc. Essa formação integral ou formação cultural

(ADORNO, 1996) é defendida pelo pensador como uma reação à passividade gerada pela educação conformista e reproduzida pela lógica da indústria cultural.

Como viés formativo, o conceito ganha força, já que Adorno (2006, p. 169) assume que “para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento”. Na perspectiva adorniana de formação para a responsabilidade do indivíduo, como formação para a autoformação, dois aspectos se destacam: de um lado, a concepção de um indivíduo política e intelectualmente esclarecido; de outro, uma sociedade democrática. Nesses termos, a emancipação requer uma fundamentação epistemológica que promova a condição política aberta ao diferente e à contradição como elementos imprescindíveis à negação da realidade.

Ao expressar que “a exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia”, Adorno (2006, p. 169) aproxima-se do conceito kantiano de liberdade civil para refletir sobre o potencial ativo que cada indivíduo há de ter perante as relações sociais, políticas, econômicas, bem como na construção da sua cultura pelo processo educativo.

A prerrogativa para o desenvolvimento da proposta de emancipação na perspectiva frankfurtiana, especialmente na de Adorno, é a de que ser livre é recriar continuamente a trajetória do pensamento autorreflexivo para que a liberdade (THOMSON, 2010) seja uma conquista de cada indivíduo em uma sociedade que a respeite como condição inalienável do humano. Esse processo significa a “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2006, p.141), implícita na exigência da formação cultural como projeto formativo integral do ser humano: *Bildung*.

Para Horkheimer e Adorno, autores da *Dialética do esclarecimento*, a condição de ser livre, a possibilidade de um pensamento esclarecedor e a ação social civilmente autônoma e responsável mantêm estreita aproximação entre si. Esses três elementos se articulam em vista da superação dos processos alienantes da condição humana, bem como da denúncia do movimento que institui a regressão da razão: a barbárie (CASSIO, 2019). Os pensadores expõem essa ideia nos seguintes termos:

A aporia com que nos defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do esclarecimento. Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar

por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 13).

Nesse trecho, os pensadores referenciam um processo emancipatório por meio da educação. Ao expressar a lógica que sustenta a racionalidade moderna, eles se põem diante do dilema de pensar o esclarecimento mediante o que ele se tornou. A concepção de emancipação assumida pelos autores é a concepção herdada do iluminismo. Por essa razão, constitui-se em realidade distinta da que se apresenta aos frankfurtianos, diferindo-se no processo intelectual e naquilo em que a sociedade se transforma. Nesse sentido, os frankfurtianos travam o embate com o modelo racional que, ao propor a superação do mito medieval, coloca-se a si mesmo como irracionalidade organizadora do mundo, de tal sorte a superar a primazia do humano como sua prioridade. Assim, da proposta dos iluministas que instaura a passagem da visão teocêntrica para a antropocêntrica origina a razão administradora; por ela, os processos ganham relevância em detrimento das finalidades.

A tradição kantiana presente no “ouse saber” (*sapere aude!*) inspira o entendimento reflexivo e o esforço para o homem passar de seu estado de menoridade para o de esclarecimento (KANT, 2008). Nesse processo está implícita a compreensão da liberdade como condição para o ser, o pensar e o agir. Segundo Kant (2008, p. 65), “para este esclarecimento (Aufklärung), porém, nada mais se exige senão a liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões”.

Nessa perspectiva, o uso público da razão pode ser exercido por pessoas esclarecidas. Elas podem elevar sua “voz” no meio social para expressar-se de modo a contribuir direta ou indiretamente com a organização social, ou seja, o uso público da razão é expressão da liberdade civil do humano na organização sociopolítica moderna.

Por outro lado, o uso privado da razão é observado quando uma pessoa expressa, do lugar institucional ou da função que circunstancialmente ocupa, aquilo que é seu dever de ofício. Quando ela se posiciona considerando o cargo institucional que lhe foi confiado ou o papel que ela representa legal ou civilmente, sua liberdade consiste em dizer aquilo que a institucionalidade espera que ela diga. Sendo assim, para Kant, no uso público da razão, a emancipação individual se institui como superação da força heterônoma.

A emancipação está vinculada à formação e à ação política. Nesse sentido, em uma sociedade livre e promotora da liberdade, os indivíduos têm direito ao esclarecimento como formação, e é opção autônoma deles o desejo de serem esclarecidos. Isso necessariamente envolve uma formação ampliada, ou seja, para além do ajustamento social, já que nessa

perspectiva a formação pauta-se em uma “vontade” exterior que molda a consciência do indivíduo para que ele participe da realidade que está posta. Em nome do esclarecimento, a sociedade do controle institui o obscurantismo pelo qual induz o indivíduo a acreditar que é livre para decidir, enquanto age de acordo com o que é direcionado a reproduzir. Somente uma formação integral pode possibilitar a crítica sobre a cultura e instituir a denúncia sobre o que a sociedade vigente ainda não se tornou: livre (democrática) e esclarecida (responsável pela emancipação).

A tradição marxista – presente na formulação da Teoria Crítica da Sociedade – concebe a liberdade como condição efetiva do ser, do pensar e do agir esclarecidos. No texto *A técnica psicológica das palestras radiofônicas de Martin Luther Thomas*, datado de 1943, Adorno reafirma a relação entre liberdade, pensamento crítico e ação responsável. Para ele, “o distanciamento para com os relacionamentos pessoais envolvidos em qualquer discussão objetiva pressupõe uma liberdade e uma força intelectuais que, hoje, quase não mais existem entre as massas” (ADORNO, 1975, p. 1).

A concepção adorniana – no trato da realidade objetiva instituída historicamente – tem raiz na ideia de um indivíduo preparado via educação e que, por sua livre ação, se posiciona diante do real com uma identidade distinta da vontade heterônoma que rege o modelo humano em foco. Sobressalta na perspectiva educacional de Adorno a emancipação individual como combate intelectual e comportamental aos processos alienantes impostos pela semiformação (ADORNO, 1996, p. 389). Essa realidade há de ser diagnosticada no próprio processo formativo pela reflexão crítica que conduz à dialética negativa (PUCCI, 2007): negação do real como alternativa dada ao entendimento da importância do não-idêntico (PERIUS, 2008).

Na tradição kantiana, a liberdade é afirmada para o indivíduo pensar e agir de forma esclarecida, ou seja, para usar autonomamente a razão. Na proposta da Teoria Crítica da Sociedade, a liberdade é uma conquista afirmada para o pensar e o agir da pessoa na busca do efetivo esclarecimento no contexto da sociedade industrial desenvolvida. Na tradição kantiana, o esclarecimento se firma para a superação da minoridade, enquanto na perspectiva crítica, o esclarecimento se coloca para a efetiva emancipação perante as forças massificadoras da indústria cultural e do sistema de consumo, inclusive do próprio mito em que o modelo de esclarecimento burguês se constituiu (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 21). Na tradição kantiana, a ação do homem está para provocar a mudança que se processa na ordem social vigente; na tradição, a ação humana está para provocar a transformação da ordem social vigente, revertendo suas esferas relacionais e axiológicas. Na perspectiva crítica, a ação humana tem em vista a mudança social e a do próprio humano, seja no conceito sobre si mesmo, seja na concepção sobre o social historicamente dado.

Essa possibilidade de mudança se opera pelo efetivo uso da razão e da ação política como ações responsáveis da e na sociedade livre. Assim sendo, a transformação ocorre pela compreensão sobre como a ordem social se constitui e em que perspectiva ela caminha, denunciando a irracionalidade que ela adota e expondo o modelo formativo que aliena o indivíduo de sua identidade de ser e existir.

Pensada, portanto, no contexto histórico, a emancipação vai ultrapassando a condição situacional que envolve o indivíduo na direção da clareza intelectual que permite a tomada de decisão de forma livre. A concepção adorniana de emancipação pode ser vista como um projeto para uma sociedade livre (democrática) e responsável, que persegue e busca possibilitar, por meio de uma formação cultural crítica e permanente, as condições para que os sujeitos conquistem uma identidade própria.

Na perspectiva de Adorno, o desenvolvimento de um indivíduo consciente está ligado ao processo histórico de sua formação e requer uma educação ampliada cujo fundamento e finalidade não se restringem ao ajustamento da pessoa ao meio (ADORNO, 2006, p. 141). Essa condição educativa é uma possibilidade formativa de conduzir o indivíduo ao amadurecimento intelectual, político, ético, estético e cultural, a fim de que possa compreender a diferença entre pensar e agir por motivação autônoma e pensar e agir por motivação heterônoma. A compreensão da emancipação nessa perspectiva é um projeto formativo tomado da noção de autonomia e de heteronomia no escopo reificador da sociedade industrial (MARCUSE, 1973).

Adorno (2006b), ao refletir sobre o processo formativo, na perspectiva da emancipação, trava diálogo com o conceito de liberdade, na relação entre indivíduo, instituições e sociedade. Para o pensador,

numa sociedade completamente reificada, na qual não há virtualmente nenhuma relação direta entre homens e na qual cada pessoa foi reduzida a um átomo social, a mera função da coletividade, os processos psicológicos, apesar de persistirem dentro de cada indivíduo, deixam de aparecer como forças determinantes do processo social (ADORNO, 2006b, p. 188).

Essa expressão remete tanto ao entendimento cultural que marca o século precedente ao que Adorno produziu suas obras, quanto às condições objetivas nas quais sua geração fora formada e às quais fora submetida, mostrando-se como um esforço intelectual pela superação da reificação, bem como da alienação intelectual e política. A submissão intelectual se constitui pelo pensamento adaptativo e funcional; a reificação produtiva se estabelece pela fusão socioeconômica entre produtor e produto. Ambos, porém, são quantificados e concebidos como



objetos de um referencial sistêmico. Já a alienação política se estabelece pela ingerência heterônoma que alija o papel individual como agente social, reduzindo o aspecto político ao movimento de convencimento em prol da representatividade.

O processo educativo que conduz à submissão intelectual, à reificação e à alienação se evidencia na medida em que provoca a perda da identidade individual e coletiva pela força sistêmica das instituições que se fundamentam na ideologia do controle. Assim sendo, a passagem do estado de menoridade para o de emancipação ocorre pela crítica constante ao processo formativo de modo que não institua aquilo que nega: a dignidade de ser e de existir como humano em uma sociedade constituída por humanos. Segundo Adorno (1975, parágrafo 2),

quanto mais impessoal se torna nossa ordem, mais importante se torna a personalidade como ideologia. Quanto mais o indivíduo é reduzido a uma mera peça de engrenagem, mais a idéia de singularidade do indivíduo, sua autonomia e importância, tem de ser afirmada como compensação de sua real fraqueza. Como isso não pode ser feito com cada um dos ouvintes individualmente, nem de uma maneira meramente abstrata e geral, a referida ênfase é, pois, feita de modo vigário pelo líder. Pode-se dizer que parte do segredo da liderança totalitária consiste no fato de que o líder representa a imagem da personalidade autônoma que, na realidade, é negada a seus seguidores.<sup>2</sup>

O processo formativo verdadeiramente emancipatório, que se caracteriza pela autorreflexão crítica sobre as condições humanas na sociedade, é capaz de diagnosticar e de denunciar os condicionantes ideológicos, à medida que primar pela elevação do indivíduo à condição de pessoa consciente e livre, por meio de uma educação promotora da liberdade civil que se constitua em identidade de ser social e coletivo.

## **2. Emancipação: responsabilidade formativa para a autonomia**

A discussão sobre a emancipação como processo formativo – ampliada pela proposta e pelo projeto de manutenção de uma sociedade democrática – leva Adorno a retomar a noção de autonomia presente na tradição crítica. Nela o termo se orienta para o exercício livre da ação e da reflexão do indivíduo sobre como ser e agir em sociedade, sem perder sua finalidade social e coletiva. A análise diagnóstica de Adorno sobre as circunstâncias

---

<sup>2</sup> A citações seguem as regras ortográficas do original.

socioculturais de seu tempo expõe a necessidade de o indivíduo tornar-se autônomo, precisamente para combater o princípio autoritário que se instaura pela irracionalidade instituída. Diante dessa necessidade, a educação para o pensar e o agir autênticos, em busca da liberdade de responsabilidade humana, apresenta-se como um horizonte a ser continuamente proposto, perseguido e preservado por meio de um processo formativo que faz o diagnóstico e avalia a ambiguidade entre sociedade e cultura, produção e produto, pessoa e instituição, indivíduo e sociedade, autoridade e autoritarismo, bem como entre formação e semiformação.

O posicionamento filosófico adorniano estabelece a crítica sobre a razão europeia e procura aproximá-la, dialogicamente, da condição de ser e de existir do indivíduo que lhe é contemporâneo, principalmente no aspecto histórico-social e no político-cultural. Posiciona-se no sentido da denúncia à racionalidade instrumental instauradora da indústria cultural (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 101), marcada pela dominação econômico-produtiva, especialmente a que fortalece a formação do indivíduo para o pensamento funcional e para a ação adaptativa.

O pensador destaca a importância da racionalidade dialética como crítica negativa da realidade dada. Para ele, a razão se torna mais lúcida de si mesma e de seus resultados se mostrar o seu potencial para contribuir na luta contra a irracionalidade instituída. Ressalta-se, todavia, que o projeto de Adorno é filosófico, não pedagógico (ADORNO, 1995, p. 15). Desse modo, ele afirma que no fundamento da razão filosófica<sup>3</sup> repousa a possibilidade do pensar sobre a emancipação pelo ser autônomo. O ousar saber se coloca como uma necessidade filosófica historicamente determinada para superar o conceito de razão absoluta e, inclusive, a visão positiva da ciência. Segundo Adorno (2006, p. 174),

[...] filosoficamente é muito bem possível criticar o conceito de uma razão absoluta, bem como a ilusão de que o mundo seja o produto do espírito absoluto, mas por causa disto não é permitido duvidar de que sem o pensamento, e um pensamento insistente e rigoroso, não seria possível determinar o que seria bom a ser feito, uma prática correta [...].

Fundamentando-se nessa proposta, Adorno defende a formação das identidades pessoal, racional, política e coletiva do indivíduo como condição para a identificação e a

---

3 Por razão filosófica entendemos o esforço intelectual que fundamenta a investigação do real de forma dinâmica, como condição crítica de sua percepção e de seu entendimento. Contrária à razão científica, que faz dos seus esforços instrumentos de resultados, a razão filosófica está exatamente para elevar a condição do indivíduo à condição da crítica da realidade com base naquilo que ela não é, mas traz em si a possibilidade de ser (HORKHEIMER, 1991, p. 69-75).

superação dos mecanismos que reificam socialmente a pessoa humana. Para Adorno, essa é a tarefa de uma racionalidade crítica-esclarecida, ou seja, de uma racionalidade autorreflexiva. Nesse sentido, a formação do indivíduo para a emancipação ampara-se no esclarecimento constante sobre os sinais de um estado de subserviência que ideologicamente a afetam. Esse estado de menoridade é apresentado por Adorno como a opção passiva ou alienada pela heteronomia formativa. É a decisão que se dá pela força heterônoma que ordena e que controla as relações sociais e educacionais predominantes. Segundo Adorno (2006, p. 178),

de uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de Riesman, ‘é dirigida de fora’, que ela é heterônoma, supondo nesses termos simplesmente que, como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta a sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma.

Mais uma vez evidencia-se a concepção de emancipação como um processo que supõe o rompimento e a superação dos mecanismos promotores da subserviência intelectual implícita na aceitação inquestionável do externo como fator da adaptação no mundo. Dentre esses mecanismos está a concepção de ‘padrão’ que a sociedade impõe sobre o indivíduo para manter a ordem vigente, sendo a escola a instituição que pode se tornar o mecanismo padronizador do anseio social. Todavia também está nela o fator de resistência às barbáries irracionalmente instituídas.

Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie. O *pathos* da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disto. Com barbárie não me refiro aos Beatles, embora o culto aos mesmos faça parte dela, mas sim ao extremismo: o preconceito delirante, a opressão, o genocídio e a tortura; não deve haver dúvidas quanto a isto. Na situação mundial vigente, em que ao menos por hora não se vislumbram outras possibilidades mais abrangentes, é preciso contrapor-se à barbárie

principalmente na escola. Por isto, apesar de todos os argumentos em contrário no plano das teorias sociais, é tão importante do ponto de vista da sociedade que a escola cumpra sua função, ajudando que se conscientize do pesado legado de representações que carrega consigo (ADORNO, 2006, p. 116-117).

Para o cumprimento da ideologia hegemônica, as funções e os papéis sociais e os institucionais são determinantes para tornar os indivíduos seres idênticos a si mesmos. Essa despersonalização, essa negação de si, apresenta-se como o estado de menoridade, isto é, como o momento de ser tutelado ou de submissão ao outro. Aqui a menoridade é entendida como a anulação e o aniquilamento da força intelectual e da atitude política de agir por si como ser não-idêntico. A força da “voz ativa” (implicitamente presente na noção de emancipação) é calada no indivíduo pela atuação do próprio esquema social que a torna “voz passiva”, quando se perde a condição fundamental de “voz reflexiva”. A menoridade transforma o ser individual, sujeito de si, em um ser que se sujeita à vontade institucional ou à lógica da sociedade hegemônica. Ao ter sua condição reflexiva esvaziada no processo educativo, o indivíduo se reveste de passividade, ajustando-se ao movimento cultural e produtivo.

Ao instituir os aparatos dos domínios e dos controles institucionais, o esquema ideológico que formula a lógica da reificação e da alienação se fortalece. Esses aparatos têm a finalidade de estimular as forças individuais que projetam o sujeito existente para a tomada de decisão a partir de uma referência distinta da sua. Esse estado de esvaziamento da identidade de ser do indivíduo como responsável de si também pode ser compreendido nos processos intelectual, político e cultural que o conduzem para a automatização do ser, nas condições de pensar e de agir dadas pela razão funcional e adaptativa.

Tomado pela visão política, o processo emancipatório se apresenta como um movimento real a ser construído pela e para a liberdade do indivíduo como ser coletivo, mediante a estruturação de um coletivo que promova a real dignidade humana. Está aqui o sinal do desenvolvimento da consciência e da responsabilidade que devem fundamentar a formação do ser humano para ser o que se propõe historicamente a ser e a fazer no convívio social digno. Contudo, a promoção da autorreflexão do ser e do fazer é fruto do ato educativo. Se há uma educação que não permite tal descoberta, o indivíduo torna-se produto social modelado para ausentar-se de si. Analisada dessa perspectiva, a emancipação é considerada como a busca contínua pela afirmação da identidade pessoal perante as instituições sociais formativas e a concepção de Estado, culturalmente construídas para a manutenção da realidade.

O indivíduo, uma vez levado educacionalmente a ser consciente de si e do meio, passa a atender às exigências do agir por autonomia, resiste à vontade heterônoma da cultura objetiva,

torna-se capaz de diagnosticar os mecanismos ideológicos da submissão racional e política, passa a ter a possibilidade de compreender que a unidade de indivíduos conscientes é imprescindível para superar a irracionalidade promovida pela razão positiva, inclusive para evitar que a barbárie se repita (ADORNO, 2006, p. 155). Nesse sentido, a formação individual é promotora da razão autorreflexiva que pensa um projeto social e coletivo cuja finalidade é a concretização do humano.

### **3. Educação como projeto emancipatório**

Entendida sistemicamente no processo produtivo contemporâneo e perante a ideia de dar respostas às demandas da sociedade industrial desenvolvida e globalizada (FREITAG, 1989; SANTOMÉ, 2003; TEODORO, 2011; ANTUNES; PINTO, 2017), a formação pode ser entendida como ajustamento à realidade objetiva, ou seja, como processo contínuo de adaptação pela produção (HARVEY, 2011; 2018) de uma racionalidade funcional. Esse modelo fragiliza a identidade do indivíduo ao ponto de conduzi-lo ao estado de dependência mercadológica. O projeto de formação do indivíduo estimulado pelo modelo produtivo leva a condição de ser do indivíduo à determinação pela ideologia sistêmica que organiza a empresa e a própria sociedade (LAVAL, 2019, p. 127). Assim, o indivíduo adere à sociedade de forma passiva e voluntária, já que não consegue perceber que a sociedade é ela mesma ideologia (ADORNO, 2006). O processo formativo em que ele está inserido expurga a sua condição da autorreflexão crítica e, portanto, formativa.

Tomada da concepção sociológica, a emancipação é compreendida por Adorno como um projeto a ser historicamente construído. Filosoficamente, trata-se da autorreflexão crítica: um processo contínuo de formação de pessoas críticas e responsáveis pelo meio social, sem deixar de agir com autonomia no contexto do movimento histórico, político, econômico e cultural. Adorno (2006, p. 181) afirma que

referente à pergunta ‘vivemos atualmente em uma época esclarecida’ Kant respondeu: ‘Não, mas certamente em uma época de esclarecimento’. Nestes termos ele determinou a emancipação de um modo inteiramente consequente, não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser. Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural.

Por si mesmas, estas palavras de Adorno são esclarecedoras. Contudo, vale ressaltar sua relevância no conjunto da produção do pensador. Ao tratar dos problemas reais que afligem a cultura da sua época, Adorno dirige sua reflexão à dinâmica sociocultural e político-econômica. Os textos adornianos dialogam com a realidade, diagnosticando e denunciando a distância entre a promessa de realidade e a realidade consolidada pelo sistema. É na negação da realidade dada que se estabelece a possibilidade do vir a ser concomitante entre indivíduo e sociedade.

Ao refletir sobre a concepção de emancipação (*Mündigkeit*) como elemento de um processo formativo, Maar (1995) constrói essa relação em três dimensões: formação para a adaptação, para a resistência e para a contradição. Fica claro, em seu texto *Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt*, que o foco reflexivo de Adorno direciona-se para a ação consciente do indivíduo em sociedade. A crítica sobre as formas objetivas e subjetivas da sociedade é o fator que alinha a perspectiva de emancipação que, por sua vez, implica também formação política (MAAR, 1995, p. 70). Nesse aspecto a emancipação se constrói para além da simples lucidez intelectual: vincula-se à realidade histórico-social e se refere a um processo a ser construído e reconstruído, como um projeto de “vir a ser” formativo.

Torna-se projeto formativo porque, ao partir de uma realidade objetiva, não se contenta com o que está posto como verdade. Torna-se formativo porque estimula o humano e o meio para a mudança: o vir a ser da realidade pela sua negação imanente.

Nesse projeto formativo, a realidade é vislumbrada como possibilidade de mudança, pois resulta do processo histórico, pessoal e coletivo que advém do rompimento de padrões e de preceitos definidos pela força ideológica do sistema hegemônico que a instituiu. Emancipação pela “formação de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2006, p. 141) vincula-se ao momento histórico e à realidade viva. Se não for assim, sua concepção perde a crítica interna e tende a se tornar um conceito vazio e ideologicamente adaptativo, portanto, em nova heteronomia.

### **Considerações finais**

A emancipação (*Mündigkeit*) se configura como uma referência formativa pela qual a pessoa pode se descobrir como ser distinto da condição reificada e imposta sobre ela pela sociedade totalizadora. Pela investida da estrutura social vigente (ADORNO apud COHN, 1986) no humano, a percepção de si consiste em um agente histórico de cuja constituição

participam as esferas econômica, política e social, em processo de luta permanente com as forças reificadoras do sistema.

O processo emancipatório é compreendido como um projeto em contínua construção, conectado ao momento histórico e ligado à consciência crítico-reflexiva sobre o presente. Nesse aspecto, a emancipação é uma conquista diária, instituída pelo esforço do intelecto e pelo agir livre e consciente, buscando alterar os elementos sociais que descaracterizam, reificam e adaptam o ser humano às condições meramente produtivas. É evidente que agir historicamente no mundo exige inteligência para também a ele se adaptar, mas formação é muito maior do que simples adaptação.

No texto *Educação contra a barbárie*, Adorno (2006) reitera sua concepção de educação como força formativa no processo de desbarbarização. Emancipar, nesse aspecto, é também diagnosticar e superar a irracionalidade que conduz às diferentes formas de barbárie. Na visão de Adorno (2006, p. 155), “desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia”. Isso porque “a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade” (ADORNO, 2006, p. 156). Seu entendimento de barbárie se aproxima de sua concepção de estado de regressão racional.

A superação da regressão racional exige a crítica daquilo que a razão tem feito com a condição humana. Trata-se de um processo de esclarecimento no qual o indivíduo é colocado perante a noção de autoridade para que sua formação se volte para os “modos de agir politicamente refletidos” (ADORNO, 2006, p. 160). Por isso, a emancipação requer também a capacidade de reação intelectual crítica e não violenta das e nas instituições sociais. Ela é, ainda, uma condição política e social e há de ser vista como um projeto formativo para a libertação do humano das forças alienantes que, configuradas por meio da semiformação, imperam sobre o seu ser e o seu agir (ADORNO, 1996, p. 407).

## Referências

ADORNO, Theodor. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, Gabriel. *Theodor Adorno*. São Paulo: Ática, 1986. p. 62-75.

ADORNO, Theodor. W. *A técnica psicológica das palestras radiofônicas de Martin Luther Thomas [1943]*. (I Parte: O elemento pessoal: caracterização do agitador) [Gesammelte Schriften Vol. 9, tomo II (Soziologische Schriften II)]. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1975, pp. 11-37 – Tradução de Francisco Rüdiger. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/ano/mes/palestras.htm> Acesso em 06 set. 2019.

ADORNO, Theodor. W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Reproduzido em *Gesammelte Schriften* Vol. 8, T. I. Tradução: Gustavo Pedroso. In: *Margem esquerda – ensaios marxistas*. N.º 07. São Paulo: Boitempo, 2006b. p. 164-189.

ADORNO, Theodor. W. *Educação e emancipação*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

ADORNO, Theodor. W. *Palavras e sinais*. Modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor. W. Teoria da semicultura. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. In: *Revista Educação e Sociedade* n°. 56, ano XVII, p. 388-411, 1996.

ADORNO, Theodor. W. *Terminologia filosófica*. Vol. I. Madrid: Taurus, 1976.

ADORNO, Theodor. W. *Terminologia filosófica*. Vol. II. Madrid: Taurus, 1977.

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. *A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista*. São Paulo: Cortez, 2017. (Coleção questões da nossa época; v. 58).

CASAGRANDA, Edilson Alencar; Rossetto, Miguel da Silva. Da Paideia à Bildung pelo trajeto do “cuidado de si”: formação como autoformação. In: DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique; FLICKINGER, Hans-Georg (Orgs.). *Formação humana (Bildung): despedida ou renascimento?* São Paulo: Cortez, 2019. p. 93-112.

CASSIO, Fernando (Org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique; FLICKINGER, Hans-Georg (Orgs.). *Formação humana (Bildung): despedida ou renascimento?* São Paulo: Cortez, 2019.

FREITAG, Barbara; ROUANET, Sérgio Paulo. *Política educacional e indústria cultural*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GEORGEN, Pedro. Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas. In: DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique; FLICKINGER, Hans-Georg (Orgs.). *Formação humana (Bildung): despedida ou renascimento?* São Paulo: Cortez, 2019. p. 15-34.

GIOCAIA JUNIOR, Oswaldo. A Educação em Nietzsche e Adorno. In: PUCCI, Bruno, ALMEIDA, Jorge & LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon. *Experiência formativa & emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009. p. 37-67.

HARVEY, David. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2018.

HARVEY, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000.

HORKHEIMER, Max. Filosofia e teoria crítica. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 69-75 (Os pensadores; 16).

JAY, Martin. *As idéias de Adorno*. São Paulo: Cultrix: Editora da universidade de São Paulo, 1988.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 63-71.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo, 2019

MAAR, Wolfgang Leo. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt. In: PUCCI, Bruno (org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1995. p. 59-81.



- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e dialética negativa: sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno*. Coleção Diálogos 12. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.
- PUCCI, Bruno (org.). *Teoria crítica e educação*. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1995.
- PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton & ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PUCCI, Bruno, GOERGEN, Pedro & FRANCO, Renato (Org.). *Dialética negativa, estética e educação*. Coleção educação em debate. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- PUCCI, Bruno, ALMEIDA, Jorge & LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon. *Experiência formativa & emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- TEODORO, Antônio. *A educação em tempos de globalização neoliberal: os novos modelos de regulação das políticas educacionais*. Brasília: Liber Livro, 2011.
- THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender).
- VILELA, Rita Amélia Teixeira. *A teoria crítica da educação de Adorno e a sua apropriação para análise das questões atuais sobre currículo e práticas escolares*. Relatório de pesquisa 2004-2006. PUC Minas, 2007. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado\\_doutorado/publicacoes/PUA\\_ARQ\\_ARQUI20120828100151.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20120828100151.pdf). Acesso em: 06 set. 2019.
- WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006

### Informações sobre os Revisores:

<b>Língua Portuguesa</b>	Nome: Miriam Juliana Pastori Bosco E-mail: miriam.bosco@ifpr.edu.br
<b>Língua Inglesa</b>	Nome: Ingrid Trioni Nunes Machado E-mail: ingrid.machado@ifpr.edu.br
<b>Língua Espanhola</b>	Nome: Daniel Carlos Santos da Silva E-mail: daniel.silva@ifpr.edu.br